

# Repertório do musical embaralha as diferentes épocas da carreira de Elza

Andréa Nestrea/Divulgação

**A** pesquisa dramaturgica para o espetáculo foi extensa e rigorosa. Vinícius Calderoni mergulhou em incontáveis entrevistas da artista e incorporou referências de pensadoras negras como Angela Davis e Conceição Evaristo, cujos fragmentos textuais aparecem na peça. O autor destaca o caráter colaborativo do processo: “Hoje poderia dizer que elas são coautoras e colaboradoras do texto. São sete atrizes negras e múltiplas, como a Elza é. Diante da responsabilidade enorme, eu estabeleci limites de fala para mim em relação a alguns temas”.

A direção musical de Larissa Luz trabalha em sintonia com os arranjos criados pelo saudoso maestro Letieres Leite, da Orquestra Rumpilezz, que reimaginou clássicos como “Lama”, “O Meu Guri”, “A Carne” e “Se Acaso Você Chegasse”. O processo colaborativo gerou ainda duas composições inéditas: “Ogum”, de Pedro Luís, e “Rap da Vila Vintém”, de Larissa Luz.

O repertório musical embaralha diferentes épocas da carreira de Elza, mesclando sucessos históricos como “Malandro”, “Lata D’Água” e “Cadeira Vazia” com trabalhos mais recentes como “A Mulher do Fim do Mundo” e “Maria da Vila Matilde”. Essa escolha reflete a própria natureza atemporal da artista, que se reinventou constantemente ao longo de mais de seis décadas de carreira.

A encenação de Duda Maia,



*As atrizes Ágata Matos, Janamô, Josy.Anne, Júlia Sanchez, Julia Tizumba, Sara Hana e Naruna Costa encarnam em cena diferentes facetas da cantora numa narrativa que foge da cronologia*

reconhecida por trabalhos como “Auê” e múltiplas premiações, privilegia a corporalidade e a escuta

das intérpretes. “Foi um processo de ensaios muito vivo, em que partimos do princípio que a voz não

é nossa, é das atrizes. Fizemos este trabalho para elas e a partir de propostas delas”, explica a diretora.

O espetáculo foi desenvolvido durante o período do último renascimento artístico de Elza Soares, quando a artista, em idade já avançada, lançou os aclamados álbuns “A Mulher do Fim do Mundo” (2015) e “Deus é Mulher” (2018), consolidando-se como uma das principais vozes da mulher negra brasileira e conquistando reconhecimento internacional renovado.

A nova temporada carioca marca o primeiro retorno do musical à cidade após a morte de Elza, em janeiro de 2022. O reconhecimento crítico da montagem, que inclui prêmios Shell, APCA, Reverência e Cesgranrio, confirma sua relevância no recente panorama teatral brasileiro.

Calderoni e Duda Maia são dois nomes de destaques na cena teatral. Pela direção de “Auê” (2016), estrelado pela Cia. Barca dos Corações Partidos, ela conquistou os prêmios Shell, Cesgranrio e Botequim Cultural de Melhor Direção, além dos prêmios APTR e Cesgranrio de Melhor Espectáculo e o Bibi Ferreira de Melhor Musical Nacional. Enquanto isso, Calderoni já ganhou o Prêmio Shell de Melhor Autor por “Árrá” (2015), o APCA por “Os Arqueólogos” (2016) e coleciona outras indicações e troféus por espetáculos da companhia Empório de Teatro Sortido, que lidera ao lado de Rafael Gomes.

A sintonia entre os dois é determinada por uma característica fundamental: a escuta e a participação das intérpretes. “Foi um processo de ensaios muito vivo, em que partimos do princípio que a voz não é nossa, é das atrizes. Fizemos este trabalho para elas e a partir de propostas delas. Precisamos olhar para o grupo, para a troca”, conta Duda.

## SERVIÇO

ELZA

Teatro Claro Mais (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana)

Até 20/7, quintas e sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (18h)

Ingressos entre R\$ 39,60 e R\$ 19,80 (meia) e R\$ 180 e R\$ 90 (meia)